

ALIANÇA NO ÊXODO

Rita de Cácia Ló

Os capítulos 19 e 24 do Êxodo são literária e teologicamente muito complexos. Estes capítulos são resultados de várias tradições, de diferentes tempos e lugares. Não será possível abordar toda a problemática dos textos referidos.

Dentro do “livro da aliança” (*sefer habberit*), há uma série de prescrições ou mandamentos em que o povo se compromete a observar. Isto parece supor uma situação sedentária de Israel, uma época tardia, quando já vivia em Canaã.

Para melhor aproveitar o estudo do texto de Êxodo 19 e 24, seguiremos por pequenas perícopes que favoreçam a compreensão do conteúdo, tais como:

- Ex 19,1-2: Introdução informativa;
- 19,3-9: Preparação da Aliança;
- 19,10-15: Preparação para a Teofania;
- 19,16-19: Primeira fase da Teofania;
- 19,20-25: Segunda fase da Teofania – preparação do povo;
- 24,1.9-11: Aliança – banquete sagrado;
- 24,3-8: Rito da Aliança.

Ex 19,1-2: Introdução informativa

Êxodo 19,1-2 é uma introdução informativa quanto a tempo e espaço. A indicação de tempo: “No terceiro mês... naquele dia” quer situar-nos na duração da caminhada. A citação da saída do Egito está em Ex 12,6.12, no qual informa que aconteceu no “décimo quarto dia do primeiro mês”. Portanto, segundo esses dois relatos, o povo chegou à montanha noventa dias depois, no quarto mês.

Em Ex 19,2 temos a informação do itinerário do povo: “partiram de Rafidim e chegaram ao deserto do Sinai”. O texto está ligado ao relato da escassez de água (Ex 17,1). Estes dois versículos (17,1; 19,2) interrompem a marcha do deserto. E “Israel acampou diante da montanha”. Neste acampar, pode-se dizer que é gestada a maior parte do Pentateuco. A idéia de adoração de Deus sobre a montanha ligada à peregrinação (por exemplo 1Rs 19) vem de uma grande tradição bíblica (Jz 5,4-5; Hab 3,3), contudo é uma característica dos nômades.

Portanto, é no seio da comunidade, gestação, acampada diante da montanha de Deus que se forma e sustenta o objetivo da Aliança.

19,3-9: Preparação da Aliança – missão de Moisés

Toda a narração é dinâmica, ou movimentada, alterna Moisés subindo, ouvindo, descendo e falando. Moisés sobe à montanha de Deus: Ex 19,3a.8b.20b; Deus fala a Moisés: 19,3b-6.9a.10-13.21.24; Moisés desce da montanha: 19,7a.14.25a; Moisés fala ao povo: 19,7b.15.20.25b e o povo fala a Moisés: 19,8a.19. Moisés é um intermediário entre Javé e o povo: “Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos israelitas” (v. 3).

Estilisticamente esta perícopa (Ex 19,3-9) vem marcada pela repetição do nome de Deus: *'el-ha'elohîm* (Ex 19,3a) e *'el-Yhwh* (Ex 19,3b.8b.9b), *Yhwh* (Ex 19,7b.8a.9a). O nome de Javé forma uma espécie de moldura: começa no v. 3a com *'el-ha'elohîm* e termina no v. 9b com *'el-Yhwh*.

Dentro dos versículos 3-9, encontram-se outras pequenas subunidades: no v. 3, existe uma breve introdução; no v. 4, o texto atua como memória do passado; e nos vv. 5-6, o texto abre para o futuro de Israel. Vejamos cada subunidade:

1º – v. 3: Introdução

Nesta breve introdução, Javé é sujeito, é Ele quem toma a iniciativa. Esta iniciativa pode ser comparada ao grande bloco de Ex 3–15. Já nas narrações dos capítulos de Ex 15,22–17,7, a iniciativa é sempre causada pela reclamação do povo que ativa o encontro com Deus (15,24; 16,2; 17,2). Por esta introdução pode-se dizer que se trata de um texto muito solene, ou até mais solene que os blocos anteriores do Êxodo (3,15; 6,6; 14,2.15 e seguintes).

2º – v. 4: Passado em Israel

O verbo, no v. 4, (*r'h*) “ver” tem relação com quatro atitudes atribuídas a Javé:

- Primeira atitude – *ver como presença de Javé*: “o povo creu. E tendo se alegrado porque Javé visitará os filhos de Israel e *vira* a sua aflição” (Ex 4,31);
- Segunda atitude – *Javé vê e age*: “e os filhos de Israel, gemendo sob o peso da servidão, clamaram; e do fundo da servidão o seu clamor subiu até Javé. E Javé ouviu os seus gemidos; Javé lembrou-se da sua aliança com Abraão, Isaac e Jacó. Javé *viu* os filhos de Israel, e Javé conheceu” (Ex 2,23-25; conferir 3,7-10). O verbo “ver” tem no texto o sentido de percepção, e por isso pode ser compreendido por “saber, conhecer”; “ver” representa uma tomada de conhecimento. Tal conhecimento provocou a *ação de Javé*;
- Terceira atitude – *ver como promessa divina feita a Moisés*: “Agora *verás* o que hei de fazer ao faraó, pois é pela intervenção da mão poderosa que os fará partir” (Ex 6,1);
- Quarta atitude – *refere-se ver como poder de Javé*: “Naquele dia, Javé salvou Israel das mãos dos egípcios (...) Israel *viu* o grande poder que Javé havia mostrado” (Ex 14,30-31).

Portanto, o “ver” do v. 4 é fazer memória de todos os feitos de Javé em benefício dos filhos de Israel. Ao lembrar o que aconteceu é fazer memória, é enfatizar que não foi simplesmente um grande momento de sorte, mas é uma intervenção misericordiosa de Javé que tem piedade de seu povo e o liberta. É o passado que os filhos de Israel não podem esquecer para não se perderem no futuro. Futuro que será a consolidação da aliança.

3º – v. 5-6: *Futuro de Israel*

No v. 5, há a expressão: “e sereis a minha propriedade”. A palavra *segullah*, pode ser traduzida por “propriedade privada” ou “porção, quota pessoal” (conferir Ecl 2,8; 1Cr 29,3). Esta palavra aparece, várias vezes, aplicada ao povo de Israel: Dt 7,6; 14,2; 26,18; conferir Sl 135,4.

Pode-se dizer que *segullah* “propriedade privada” vincula-se ao mandamento “Não terá outros deuses diante de mim” (Ex 20,3). Tanto no texto do Decálogo como no texto da Aliança (Ex 19,5) o que se pede é lealdade exclusiva a Ele. Isto é o fundamento para a vida de Israel como uma nova sociedade. Este povo lhe pertence. Javé é o único Senhor, é aquele que te fez “sair da terra do Egito, da casa da escravidão”, ou como é narrado no Deuteronômio: “Ele o achou numa terra de deserto... cercou de cuidado... guardou-o com carinho” (Dt 31,10-11). Esta relação de Javé com seu povo, “propriedade privada”, expressa-se ainda de outras maneiras: Javé é o “rochedo de Israel” (2Sm 23,3), Ele “adquiriu” seu povo (Sl 74,2). Em algumas passagens importantes Israel é chamado de “filho de Javé” (Os 11,1) e até filho primogênito de Javé (veja Ex 4,22). Estas expressões marcam um relacionamento afetivo, íntimo, familiar entre Javé e seu povo.

No v. 6, a expressão “um reino de sacerdotes” (*mamleket kōhānim*). A palavra *mamlākā* significa “poder real” que inclui o contexto de “rei”, isto é, a pessoa investida de poderes reais (1Rs 18,10; 1Sm 10,18; 2Cr 9,19; 12,8; Lm 2,2; Jr 1,15; 25,26; Sl 68,33; 79,6; 102,23). Um reino com uma função sacerdotal ou um povo eleito, em confronto com o mundo inteiro. Em 1Sm 8,7 (ver 1Sm 2,12; Jz 8,23), Javé é o rei de Israel e a nação é o seu reino. O sacerdócio está no sentido de serviço ou serviço especial.

Ainda no v. 6 aparece “nação santa” (*gōy gadōš*). Êxodo 19,6 utiliza a palavra “nação” (*gōy*) em relação com a promessa feita aos patriarcas (Gn 12,2; 18,18). Israel é esse que ora é um “reino” ora é uma “nação”. Os israelitas não eram uma “nação” quando estavam no Egito, mas a partir da Aliança serão um “reino de sacerdotes e uma nação santa”.

A forma como foram narrados esses versículos é em grande parte composta por uma linguagem jurídica. É a memória de um contrato, de uma aliança (*berit*). Ou seja, supõe: *adesão incondicional* – “sereis a minha propriedade”; e *o benefício* – será uma “nação”. Será uma nação não mais um grupo “errante” (Dt 26,5), mas uma nação de realeza e de serviço exclusivo a Javé “sacerdotal”.

O v. 9 serve como transição aos textos seguintes. Inicia falando da manifestação que acontecerá no v. 16ss. No v. 9, Javé anuncia sua vinda na escuridão de uma nuvem. As nuvens tornam-se sinais visíveis da presença do Senhor (Pr 30,4; Sl 78,23; 104,3;

Is 19,1; Ex 13,21; 16,10; 33,9; 1Rs 8,10s; Ez 1,4; Jó 7,9; 30,15). Portanto, neste versículo a nuvem tem dupla função: a de ocultar e a de mostrar que Javé está efetivamente presente.

19,10-15: Preparação para a Teofania

Este bloco divide-se em duas partes: a primeira parte, que corresponde aos v. 10-13, contém as instruções de Javé; a segunda parte, que corresponde aos v. 14-15, narra Moisés transmitindo a mensagem de Javé e a obediência do povo.

No que denominamos de primeira parte, as instruções de Javé, subdividimos em duas ordens:

- A primeira ordem: – “lavem suas vestes”, v. 10 (Gn 35,2; Lv 11,25.28-40), o simbolismo das vestes seria a mudança radical ou conversão. Na Antiguidade acreditava-se poder mudar pela colocação de uma veste, como por exemplo vestir uma roupa de pele de leão adquiria-se força de um leão. A veste seria uma espécie de outro eu. Trocar de veste significa mudança do eu interior. A mudança de veste opera a purificação do homem e era com frequência condição prévia para a participação do culto. Os gregos antes de entrar no templo tinham que se banhar nas águas correntes e vestir vestes novas ou recentemente lavadas.
- A segunda ordem – “fixarás os limites da montanha”, v. 12 – criar um espaço sagrado. O espaço sagrado é instituído; o limite espacial coincide com a fronteira que separa vida e morte (19,12-13); o espaço da montanha delimitado é um espaço existencial, decisivo, central onde vida e morte estão em jogo.

Uma terceira especificação vinda de Moisés – “não vos chegueis à mulher.” 19,15b – provavelmente faz parte da santificação pessoal (veja 1Sm 21,5).

Nos versículos 10-15, aparece uma estrutura concêntrica para ressaltar a ordem de Javé e a obediência do povo:

A – Vai até o povo (10b)

B – Purifique hoje e amanhã (10c)

C – Lavem as suas vestes (10d)

D – Estejam prontos para o terceiro dia (11a)

E – Fixarás o limite da montanha (12)

A' – Moisés desce até o povo (14a)

B' – Ele o fez santificar (14b)

C' – Lavaram suas vestes (14c)

D' – Estais preparados para o terceiro dia (15)

A estrutura concêntrica ressalta o terceiro dia como o grande dia do encontro com Javé e ao centro o lugar sagrado que é a montanha. Portanto, neste período preparatório para aliança o texto indica três aspectos: existencial, indicado pelas vestes – “lavem suas vestes”, v. 10; cósmico e espacial, delimitado pela montanha – “fixarás os limites da montanha”, v. 12; e o aspecto pessoal – “não vos chegueis à mulher.”

19,16-19: Primeira fase da Teofania

Começa com indicação de tempo, v. 16: “ao amanhecer do terceiro dia” (19,16). Podemos dividir os v. 16-19 em três aspectos:

- 1) 19,16 – a nuvem é densa, a voz de trombeta é forte; o povo treme.
- 2) 19,17-18 – troca de lugar – Moisés conduz o povo do acampamento para o pé da montanha. Deus acende o fogo; aumenta a fumaça, a montanha treme.
- 3) 19,19 – a voz aumenta, Moisés fala e Deus responde.

Concluindo, Deus se manifesta como “Mistério”. O elemento mais palpável nesta manifestação são os ruídos, sons que todo o acampamento ouve. O elemento visível vem a partir da nuvem, da fumaça e do fogo; Javé está efetivamente presente.

19,20-25: Segunda fase da Teofania – preparação do Povo

Estes versículos centram-se na figura de Javé. A presença de Javé é sem dúvida dominante no capítulo 19. Em dois blocos o nome de Javé forma uma inclusão (v. 3.8 e 9.24). A segunda inclusão dá coesão a um tema litúrgico com os seguintes passos: determinação do espaço sagrado, os ritos de purificação (lavar as vestes e abstenção da relação sexual), o som do chifre que lembra o instrumento litúrgico, as nuvens lembram a fumaça do incenso do templo; o fogo, símbolo de Javé, remete as chamas acesas sobre o altar do templo e a referência para estarem preparados para o “dia”, pode estar indicando um dia de festa. Neste aspecto, todo o acontecimento narrado foi pensado a partir da experiência religiosa cultural com a finalidade de perpetuar a aliança no sentido de que ela não ficou no passado, mas está sempre presente nas celebrações na qual se revive e atualiza a aliança mosaica mediante a Palavra.

Este texto diferencia-se dos outros porque falta o sacrifício para selar a aliança. A presença de Javé está na Palavra, e não no sacrifício, é quase uma “liturgia da Palavra”. É, portanto, uma aliança constituída da Palavra de Javé e da palavra de adesão do povo. O pacto ou aliança é firmado sob a condição “se ouvirdes a minha voz” (v. 5).

24,1.9-11: Aliança – banquete sagrado

Em Ex 24,1.9-11 são mencionados Nadab e Abiú que são filhos de Aarão¹ e também os setenta anciãos. Os anciãos aparecem em outros textos em relação ao culto 3,16.18; 4,29; 18,12 e sobretudo na preparação da teofania em 19,7.

1. Veja Ex 6,23.

Moisés junto com Aarão, Nadab, Abiú e os setenta anciãos estão representando todo o povo de Israel que aguarda Javé para o banquete. Poder celebrar um banquete na presença de Javé é sinal de estar em comunhão com Ele.

Neste texto, a aliança é apresentada como uma relação entre o dono da casa e os amigos que ele convida e admite comer à sua presença. A montanha é representada como o templo, onde se celebra o banquete sagrado com o qual Javé acolhe, como protetor e pai, os seus fiéis. Neste texto, a aliança é caracterizada com uma ligação quase familiar.

24,3-8: Rito da Aliança

O texto descreve o rito da aliança. Os v. 3-38 podem ser divididos em duas partes: na primeira parte, os v. 3-4 descrevem a preparação para o rito de holocausto; já na segunda parte, os v. 5-8 descrevem a execução do rito do holocausto.

A preparação (v. 3-4) é constituída da ação de Moisés. É Moisés que traz a palavra de Javé, v. 3. E é Moisés que escreve em um livro, constrói um altar e doze estelas ou colunas sagradas. Com essas duas construções, está representado Deus pelo altar e as dozes tribos pelas estelas, v. 4. Tudo está preparado, Javé e o povo já estão representados no espaço sagrado.

A execução (v. 5-8) é uma ação onde Moisés conta com a ajuda dos “jovens israelitas”, mas o agente principal continua sendo Moisés. O v. 5 foge da tradição ordinária dos sacrifícios, pois é duplo e ainda conta com a aspersão do povo.

O sacrifício do v. 5 é de dois tipos: “holocausto”, (*olah*) e de “comunhão” (*zebah šelâmîm*).

No primeiro caso a palavra “holocausto” vem do grego como tradução do hebraico cuja raiz significa “subir”, ou seja, é o sacrifício que se faz subir ao altar ou provavelmente é a fumaça que sobe até Deus (Gn 4,1-8). Portanto o sentido da palavra “holocausto” *olah* era a queima total da oferenda, não tinha sobra nem para o ofertante nem para o sacerdote; aliás, só se retirava a pele. A vítima deveria ser um animal macho grande, pequeno ou até uma ave, mas só pombo ou rolinha.

No segundo caso, a palavra hebraica *zebah šelâmîm*, ou simplesmente *zebah*, ou só *šelâmîm*, porém sempre no plural. O ritual de comunhão especifica três tipos particulares: o sacrifício de louvor ou agradecimento, *todah* (Lv 7,12-15; 22,29-30); o sacrifício espontâneo, *nedabah*, é o sacrifício oferecido por devoção fora de qualquer outro motivo, promessa, prescrições (Lv 7,16-17; 22,18-23); o sacrifício votivo, *nedah*, oferece por um voto (Lv 7,16-17; 22,18-23).

O rito principal do sacrifício de comunhão é que a vítima será repartida entre Deus, o sacerdote e o ofertante. As vítimas são como do holocausto (mas não aves), porém podem ser macho ou fêmea (cf. Lv 3). No sacrifício de comunhão, a parte de Javé é toda a gordura que cerca as entranhas, rins, fígado e a cauda gorda dos ovinos; tudo é queimado sobre o altar; a parte do sacerdote é dupla: peito e a coxa direita, que

não serão queimadas sobre o altar; a parte do ofertante é a sobra do animal que ele come com a família e todos os convidados que estão em estado de pureza.

Na perícopre (24,1-9) pode-se perceber uma estrutura concêntrica na descrição da conclusão da aliança entre Javé e o povo. Veja o quadro abaixo:

A – Moisés, Aarão, Nadab, Abiú e os setenta anciões (1)

B – Todas as palavras e todas as leis (3b)

C – Nós observaremos todas as palavras (3d)

D – Moisés escreveu todas as palavras (4a)

E – Construiu um altar ao pé da montanha (4c)

F – Rito (5-6a)

E' – Espargiu o altar (6b)

D' – Leu o livro para o povo (7b)

C' – Nós faremos e obedeceremos (7)

B' – Todas estas palavras (8d)

A' – Moisés, Aarão, Nadab, Abiú e os setenta anciões (9)

No centro desta estrutura está o rito da aliança ou relato do holocausto e do sacrifício de comunhão.

Moisés, nesta unidade tem uma função mais ativa do que na primeira parte (Ex 19). Ele é quem escreve e comunica a lei (24,4a.7b); é também o que constrói o altar (24,4c). Porém, fica claro que Moisés atua sempre exercendo a função de mediador entre Javé e o povo.

Moisés constrói um altar aos pés do Monte Sinai, depois encarrega alguns jovens a oferecer sacrifícios de comunhão. Moisés derrama parte do sangue dos animais sacrificados sobre o altar e com a outra parte asperge o povo dizendo: “este é o sangue da aliança, que Javé fez conosco através de todas estas palavras” (v. 8). A alusão é a palavra de Javé (v. 3) proclamada por Moisés diante do povo, o qual responde a uma só voz: “faremos todas as palavras ditas por Javé”.

O rito é descrito segundo o costume antigo de uma cultura agrícola, porque não faz menção aos sacerdotes, mas sim aos jovens que oferecem o sacrifício. Por outro lado, aparecem elementos da época posterior, como a indicação da construção de um altar e a terminologia do sacrifício.

Particularmente significativo é o rito da aspersion do altar. Simbolicamente, por meio da aspersion do sangue do sacrificio, acontece uma união íntima e vital entre Javé e o Povo. Com a aspersion do altar fazem-se presentes as duas partes da Aliança: Javé e o povo.

O sangue, que para os israelitas simbolizava a vida, une Javé e o povo em uma íntima comunhão de vida, e com vínculos de quase parentesco. A ligação que vem assim instituída não é de natureza biológica. O sangue enquanto símbolo da vida pertence a Javé que, mediante Moisés, faz o povo participante. Também os sacrificios de comu-

nhão (v. 5) criam uma união entre Javé e o povo. A aliança vem instituída seja por meio do rito de sangue seja por meio de aceitação da palavra de Javé. O caráter pessoal da aliança é colocado em evidência do compromisso explícito do povo: “faremos todas as palavras ditas por Javé” (v. 3). A comunhão com Javé é visivelmente significativa por meio da oferta dos sacrifícios (v. 8).

Resumindo, podemos dizer que os elementos constitutivos da aliança são estas: a palavra de Javé, a escuta do povo, o rito dos sacrifícios e das aspersões com o sangue. Tais elementos não são, porém, somente uma promessa ou um pressuposto, mas são constitutivos da mesma relação de Javé com seu povo. A aliança sinaítica neste texto não é representada como um tratado, mas como vínculo quase familiar: Javé e o povo são unidos pelo mesmo sangue, isto é, da mesma vida, são membros quase de uma só família. A aliança cria de fato uma união de fraternidade. Os filhos de Israel tornam-se, pela força de tal união, ‘am, que não significa propriamente povo, mas ‘família’. E mais que isso a família de Javé.

Conclusão

Os eventos narrados em Ex 19 e 24 são provavelmente sínteses das experiências religiosas feitas em tempos diferentes por grupos diferentes.

Nas narrações encontramos uma série de gestos ritual-simbólicos que permanecem nas celebrações culturais, com os quais são atualizados e revestidos de vínculo relacional e vital com Deus.

No tratado da aliança pode-se destacar a responsabilidade do povo e de cada um diante do compromisso assumido. Compromisso que nada mais é do que a responsabilidade cristã diante da fé assumida livre e conscientemente. É missão do povo de Deus e de cada um manter viva a essa “Aliança”, pois a partir dela somos uma sociedade de irmãos com um único Senhor. Somos um povo consagrado por Javé, com dignidade real, isso mesmo, de realeza, e aí complica um pouco, pois não tem como ignorar a miséria em que vive uma grande parte deste povo de Deus. Então como falar de poder régio? Como falar de Aliança? Como falar de banquete? Como falar de vínculo familiar?

Rita de Cácia Lô
Londrina – PR

Bibliografia

- BONORA, A. “Alleanza”, *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. Cinisello Balsamo, 1988, p. 21-35.
- MENDENHALL, G.E. e HERION, G.A. “Covenant”, in FREEDMAN, D.N., ed., *The Anchor Bible Dictionary*, New York, Doubleday, 1992, I, p. 1179-1202.
- PIXLEY, G. *Êxodo*. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulinas, 1987.
- DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo: Ed. Teológica, 2003.
- WALTER, V. *Moisés e suas Múltiplas Facetas*. Do Êxodo ao Deuteronômio. São Paulo: Paulinas, 2003.